

## SOCIABILIDADES AUDIOVISUAIS: DIFERENTES OLHARES SOBRE A UNIVERSIDADE E SUAS RELAÇÕES

Kaline Aguiar <sup>1</sup>  
Vitor Ribeiro Correia <sup>2</sup>  
Luciana Velloso <sup>3</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as produções audiovisuais de discentes do curso de Pedagogia, realizados no âmbito da disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica (PPP), ao longo do segundo semestre de 2023. Procuramos estimular produções que abordassem diferentes olhares sobre a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), de modo que em grupos, a turma escolhesse temas que mais lhes mobilizassem. Previamente, o grupo participou de oficinas sobre a linguagem audiovisual, ministrada por uma docente colaboradora. Estas oficinas e as conversas com a turma forneceram subsídios para que se realizassem as produções. Nossas opções teórico-metodológicas se pautam na bricolagem dos princípios da multirreferencialidade (Arduino; Macedo; Barbosa, 2012); na abordagem da ‘pesquisa com os cotidianos’ (Certeau, 2011; Andrade, Caldas e Alves, 2019) e na *ciberpesquisa*-formação (Santos, E., 2019), entre outros, tendo também além do audiovisual, ‘conversas’ e narrativas como principais formas de produção de ‘*conhecimentossignificações*’ (Ribeiro, Sampaio e Souza, 2019). Em termos de resultados, destacamos os temas abordados nos vídeos - questões de saúde mental, banalização perante a sobrecarga acadêmica, acessibilidade e inclusão social dentro da Universidade, afetividade com o âmbito acadêmico, dentre outros que eram vistos como necessários para se discutir. A turma se mostrou bastante engajada com as produções e demonstraram, além do engajamento com as questões da universidade pública, uma grande expertise para a produção do material, sobretudo em função de habilidades de algum componente do grupo que já possuía familiaridade com estes usos. Sendo assim, a realização de atividades contemplando diferentes mídias é vista como necessária e fundamental como mais uma forma de produzir e socializar conhecimentos.

**Palavras-chave:** Produções audiovisuais, Cibercultura, Ciber-pesquisaformação, Formação de professores.

### INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretendemos anunciar e dialogar com as produções audiovisuais das discentes<sup>4</sup> de graduação do curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de

1 Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, [kaline.aguiar10@gmail.com](mailto:kaline.aguiar10@gmail.com);

2 Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, [vitorcorreia98@gmail.com](mailto:vitorcorreia98@gmail.com);

3 Professor orientador: Doutora, Faculdade de Educação; PPGECC/UERJ e ProPED - UERJ, [lucianavss@gmail.com](mailto:lucianavss@gmail.com)

4 Adotamos o uso dos termos ‘*docentesdiscentes*’, ‘*espaçostempos*’, ‘*conhecimentossignificações*’, ‘*ensinoaprendizagem*’ entre outros, assim grafados, por entender que “as dicotomias necessárias à criação das ciências na Modernidade têm significado limites ao que precisamos criar na corrente de pesquisa a que pertencemos. Com isso, passamos a grafar desse modo os termos de dicotomias herdadas: juntos, em itálico e entre aspas simples. Estas últimas foram acrescentadas com vistas a deixar claro aos revisores/as de textos que é assim que esses termos precisam aparecer” (Andrade; Caldas; Alves, 2019, p. 19).

Janeiro (UERJ) *campus* Maracanã. As produções foram realizadas no âmbito da disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica (PPP) em modalidade presencial, pertencente ao Departamento de Ciências Sociais e Educação (DCSE), durante o segundo semestre de 2023 ministrada pela professora e coordenadora do projeto Sociabilidades Nômades: Tecnologias, Mediações Culturais e Currículo Escolar, e do grupo de pesquisa Sociabilidades, Cibercultura e Educação (SoCib).

Este trabalho potencializa a valorização do audiovisual e das múltiplas linguagens (Garcia, 2000) como expressões mais dinâmicas e ricas das experiências vividas no ambiente ‘*dentrofora*’<sup>5</sup> da universidade, capturando os momentos, emoções e desafios que os discentes enfrentam em sua jornada acadêmica, ademais com temas pensados para além de sua formação, possibilitando ampliação da visão de mundo.

Enfatizamos a importância de investigar os contextos e práticas cotidianas dos sujeitos e a percepção de como sobretudo as tecnologias digitais em rede influenciam a educação e a formação dos indivíduos, ressaltando a necessidade de entender de que maneira os ambientes virtuais e os artefatos digitais podem ser aproveitados para criar e compartilhar conhecimentos. Nesse sentido, objetivamos compreender as novas sociabilidades (Velloso, Santana, Veras e Machado, 2022) que ocorrem com o uso de múltiplas linguagens como: imagens, sons, fotografias, vídeos, aplicativos e redes sociais, bem como se dão as implicações destes usos nos currículos educacionais e nos processos formativos.

Principalmente considerando os desafios educacionais que caminham junto à formação de uma cibercultura cada vez mais potente, presente nos âmbitos educacionais e dialogando com diferentes linguagens, podemos conceber o audiovisual como um dispositivo de pesquisa (Soares, 2016). Nessa apropriação da concepção de dispositivo, as produções audiovisuais criadas pelas professoras em formação podem produzir, uma forma de conhecimento, que nos traz pensamentos outros, que nos questionam, potencializam rupturas nos modos habituais de vislumbrar as ideias sobre a prática docente em meio a uma identidade, engessada e formatada, no que tange se constituir enquanto professora.

Desse modo, buscamos entender como os usuários, os praticantes ordinários (Certeau, 1994), se apropriam de artefatos culturais, produzem formas de combate e

<sup>5</sup> Utilizaremos os pronomes no feminino pois todas as alunas da turma são mulheres e se identificam com este gênero.

resistência aos preconceitos, e, operam para além de denunciar atitudes discriminatórias, mas “inventam, em diferentes linguagens, narrativas de um cotidiano vivido e experimentado, por meio da imaginação, modos de produzir conhecimentos e significações na/com os dispositivos audiovisuais” (Rossato; Sousa; Barreto, 2022, p. 6-7).

Nossa proposta se constrói considerando a importância de atividades que: utilizem diferentes dispositivos para a produção e divulgação de conhecimentos dentro e para além do contexto universitário; busquem estimular a criação de produções audiovisuais que abordem múltiplos olhares sobre a UERJ; incentivem os estudantes a escolherem temas de interesse para suas próprias pesquisas com relevância acadêmica e social; auxiliem os discentes na linguagem audiovisual através de oficinas ministradas por uma docente colaboradora, proporcionando conhecimentos técnicos e criativos para a produção das mídias.

Ao longo das atividades e oficinas, foram realizadas as produções de conteúdos concisos e postagens periódicas, buscando divulgar nossas produções em outros formatos para além do impresso, mesmo reconhecendo a primazia da escrita, apesar de, paradoxalmente, como reconhece Martín-Barbero (2000), nossa cultura latino-americana ter ingressado na modernidade não sob o domínio do livro, mas a partir dos discursos e narrativas, dos saberes e das linguagens, da indústria e da experiência audiovisual (p.84).

Por fim, foi organizado pela turma da PPP em parceria com integrantes do SoCib uma Mostra de apresentação dos resultados e produções discentes, potencializadas pelas Oficinas de produção audiovisual. A Mostra contou com a participação da comunidade acadêmica, registro de presença e emissão de certificados para horas complementares. Os trabalhos apresentados, seguidos de debates, se constituíram em momento de reforço da autoria do alunado em relação às suas produções. Além disso, ampliaram seu olhar e escuta sensível (Barbier, 1998)<sup>6</sup> diante de questões cotidianas desses discentes e suas diferentes realidades, que são de interesse da comunidade universitária e externa, construindo um diálogo *‘prácticateoriaprática’* não dicotomizadas, mas sim em constante relação no dia a dia das discentes *‘praticantespensantes’*.

<sup>6</sup> Concordamos com Barbier (1998) ao considerarmos que ouvir para compreender exige mais do que geralmente se faz. Exige uma sensibilidade maior em relação ao outro, dificilmente conseguida sem que se crie espaço para o diálogo autêntico. Nesse sentido, “a escuta sensível é o modo de tomar consciência e de interferir, próprio do pesquisador ou educador que adote essa lógica de abordagem transversal” (Barbier, 1998, p.172).

## **METODOLOGIA**

As abordagens teórico-metodológicas adotadas são pautadas em diversas abordagens que enriquecem a análise das produções audiovisuais. Utilizamos a bricolagem da ciberpesquisa-formação (Santos, E., 2019), aos princípios da multirreferencialidade (Ardoino, 1998; Macedo, Galeffi e Pimentel, 2009) e à pesquisa com os cotidianos (Andrade N., Caldas e Alves, 2019; Certeau, 2011). Tal bricolagem aponta para a importância da dialogicidade, da valorização das diversas ambiências e do respeito às individualidades, o que implica compreender a formação em sua ‘incompletude’ e diversidade, e entretecer conhecimentos plurais, a fim de desvendar, criar, mediar e produzir novos saberes.

A noção de bricolagem como experiência significativa que nos retira “as amarras da condução epistemológica disciplinar, dos padrões esperados, dos conceitos protegidos, dos conhecimentos pré-dirigidos”, em que o pesquisador “se aventura na improvisação criativa diante das demandas e dos desafios propostos”, tornando-se um transgressor responsável que trai a ordem estabelecida na intenção de ultrapassar limites, fronteiras (MACEDO, 2012, p.49-50). Sendo assim, o campo escolhido para pesquisar, assim como os sujeitos que dele fazem parte, nos auxiliam a buscar novas leituras que possam subsidiar o entendimento dos fenômenos apresentados.

Já a compreensão da pesquisa com os cotidianos muito nos auxilia nesse sentido, pois nos tornamos mais atentos a perceber a intrínseca relação e conexão entre criadores e criações, individual e coletivo. Implicam redes que constituem nossas subjetividades e orientam nossas ações, espaços de produção de conhecimentos, valores e produção da existência (Ferraço; Soares; Alves; 2018, p.90).

A opção pela ciberpesquisa-formação se associa diretamente ao nosso entendimento de que docentes e demais profissionais da educação podem exercer um diálogo produtivo com artefatos culturais e outros praticantes culturais diferentes contextos multirreferenciais de trabalho e aprendizagem. Para tanto, poderemos lançar mão de múltiplas linguagens e dispositivos móveis, que em nosso trabalho foram fundamentais.

Por dispositivos móveis entendemos as mídias e tecnologias de convergência (Jenkins, 2009), ou seja, a junção de máquinas fotográficas, filmadoras, gravadores e editores de áudios, textos e imagens, tudo isso cabendo nas nossas mãos. As diversas

aplicações com geolocalizadores e redes sociais permitem cada vez mais a interação entre as diversas redes educativas nas cidades e no ciberespaço.

Conteúdos e situações de aprendizagem síncronas e assíncronas são criados para que a comunidade de prática envolvida (professores, estudantes e gestores) possam então interagir em rede para além do acesso ao desktop e à internet por um ponto físico de conexão. Ao mesmo tempo em que buscamos investir na formação discente ao longo da pesquisa, também nos formamos, mobilizando diversas atividades com intencionalidade pedagógica (Santos, 2019).

Tendo este cenário em vista, a opção metodológica deste estudo abrange caráter de produção de conhecimento que se faz junto com o outro, na legitimação e valorização dos cotidianos vivenciados, exigindo o posicionamento investigativo que aposta no acontecimento das conversas (SAMPAIO; RIBEIRO; SOUZA, 2018). Essa escolha envolve o sentimento de pertencimento à pesquisa, visto que as singularidades ganham espaço em meio ao coletivo, tornando válido aquilo que antes era desprezado, visto como menor.

O trabalho iniciou-se com a discussão a partir do tema disparador: “Diferentes olhares sobre a UERJ” em conversas que foram realizadas em sala de aula, para que em grupos, os estudantes pudessem debater e encontrar um tema que envolvesse a UERJ. Nas conversas emergiram temas como: questões de saúde mental, banalização perante a sobrecarga acadêmica, acessibilidade e inclusão social dentro da Universidade, afetividade com o âmbito acadêmico, dentre outros que eram vistos como necessários para se discutir. Após a efetivação das escolhas dos temas foram realizadas rodas de conversas que buscavam dialogar com os mesmos, construindo conexões das realidades das discentes com o método que seria aplicado às suas produções.

Ademais, também auxiliamos os discentes com técnicas de filmagem, edição, captação de áudio, roteiro e gravação. A turma demonstrou um alto nível de engajamento durante as oficinas e ao longo do processo, quando não podíamos ter os encontros presenciais, utilizamos a plataforma Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP)<sup>7</sup> ou o contato por WhatsApp. Convém observar que as discentes demonstraram expertise na

<sup>7</sup> Quando precisamos utilizar o ambiente online para reuniões, fazemos uso do ConferênciaWeb, pelo sistema RNP, que oferece uma experiência completa e segura em interações online e trabalho colaborativo. Muito mais que uma ferramenta de videoconferência, a solução garante atividades remotas com os melhores recursos disponíveis e integração total com aplicações consagradas como Moodle e Eduplay. Suas reuniões, aulas e projetos muito mais produtivos e seguros. É o sistema institucional da UERJ. Fonte: <https://conferenciaweb.rnp.br/> Acesso em 19 out. 2024.

produção de seus materiais audiovisuais, evidenciando a aplicação prática e a assimilação dos conhecimentos adquiridos. Dessa forma, essa experiência não só fortaleceu as habilidades dos educandos em diversas mídias, mas também facilitou a socialização e disseminação dos conhecimentos produzidos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em espaços que até então eram simples e corriqueiros para as discentes, há questionamentos e perspectivas que podem se desenvolver nas mais diversas pesquisas. Portanto, nesse mesmo sentido, vamos relatar especificamente os *'conhecimentossignificações'* (Andrade, Caldas e Alves, 2019) atribuídos às produções audiovisuais que nos foram privilegiadas a partir desse grande projeto. Sobre um olhar amplo temos temas que de certa forma dialogam entre si, com atravessamentos tão constantes, complexos e reais quanto o desenvolvimento de um único sujeito, em sua plenitude de contemplação da vida a qual está inserido, os espaços que habita, desafios que o cercam e projeção de um “inédito viável”, como tão bem nos ensinou Freire (1992).

Levando em conta este panorama, apresentaremos o título de quatro produções audiovisuais da turma (que também produziu um podcast e um manual virtual), seguido de seus temas. Em seguida faremos um breve diálogo com os mesmos, na tentativa de construir com o leitor algo similar, porém não exatamente, com os diálogos e desenvolvimentos que se deram nas relações citadas ao longo do texto. Sendo eles; 1) “A UERJ é acessível?”, construindo um diálogo questionador e emancipatório sobre acessibilidade e inclusão dos discentes da universidade; 2) “O antes, durante e o depois da UERJ”, ouvindo e dialogando com aqueles que estão sendo, foram e ainda são afetados pelas vivências da universidade; 3) “Perspectivas Plurais - explorando a experiência da vida na UERJ”, evidenciando a diversidade que vive e respira dentro do espaço universitário; 4) “O impacto da vida acadêmica dos universitários da UERJ.”

Também vale destacar o trabalho de podcast abordando temas mais sensíveis a partir de relatos de alunos dentro da universidade e como isso os afeta; “PodUERJ”, discentes conversando de forma descontraída sobre os desafios de trabalhar, estudar e cuidar da vida durante o processo de formação. E igualmente de grande relevância, a produção do manual virtual: “A importância da saúde mental para os alunos da UERJ”, que retrata os desafios e obstáculos dos cuidados da saúde mental. Apesar de considerarmos ambos de extrema relevância, além de muito bem produzidos, passaremos

agora a discorrer sobre as quatro produções audiovisuais, recorte que fizemos para apresentar neste texto.

O vídeo “A UERJ é acessível?” tem como tema central a acessibilidade e inclusão na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ele conta com entrevistas que exploram as experiências de acessibilidade no *campus* fornecendo uma visão prática sobre as condições enfrentadas por pessoas que frequentam o ambiente universitário. Em conversa com as discentes responsáveis por essa temática utilizam seus próprios celulares tanto para gravar os vídeos quanto para captar o áudio e afirmam que: *“Foi uma das partes bem trabalhosas, visto que por ser um tema de acessibilidade era preciso que conseguíssemos atender todos os públicos. Encaixar imagens de apoio, áudio, audiodescrição das cenas e legenda”* (Praticante X).

Além disso, a produção do grupo buscou adotar uma linguagem fluida, acessível e inclusiva, voltada tanto para o público acadêmico quanto para a comunidade em geral. Elas justificam que: *“O tema escolhido foi justamente por depararmos com propagandas que a própria UERJ faz, se intitulado como a universidade mais inclusiva do Brasil. O que causa muita revolta, pois sabemos que ela não é inclusiva para todas as pessoas”* (Praticante Y).

Diante dessa justificativa há uma preocupação das discentes em tornar a mensagem clara e compreensível. Um ponto importante é a utilização de audiodescrição e entrevista em libras para a promoção de um debate sobre a inclusão e os direitos das pessoas com deficiência sem distinção, pois, durante as gravações elas se depararam com pessoas que enfrentam dificuldades reais de acessibilidade, o que reforçou a importância de trazer essas questões à tona e buscar soluções práticas.

O vídeo “O antes, durante e o depois da UERJ” apresenta um relato profundo sobre a experiência de alunos, ex-alunos e futuros ingressantes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Nele, os entrevistados compartilham suas expectativas e os desafios ao longo da jornada acadêmica, bem como se inclui a adaptação na academia e a construção de vínculos afetivos. Também discutem os impactos da instituição dos já formados em suas vidas pessoais e profissionais.

Com muita sensibilidade, o grupo utilizou apenas dois celulares Iphone e fone de ouvido para captação do áudio. Indicaram que antes de realizar as entrevistas, conversou

com as pessoas entrevistadas sobre o objetivo do trabalho, que pretendia registrar relatos de alunos que tiveram contato com a UERJ em momentos específicos de sua formação, para que o trabalho pudesse retratar as experiências do antes, durante e o depois de suas formações.

As discentes buscam trazer uma linguagem acessível e reflexiva, buscando uma conexão emocional com o público. O tom é informal, pois se trata das experiências narradas pelos entrevistados, dessa forma facilitando a linguagem mais acessível e próxima do cotidiano para os espectadores. Uma das discentes indicou: *“obtivemos relatos afetuosos, que expressavam gratidão e reconheciam a importância da UERJ nas vidas de cada pessoa entrevistada, para além das adversidades que envolvem o ensino público no país”* (Praticante Z).

O vídeo “Perspectivas Plurais - explorando a experiência da vida na UERJ” busca explorar e dialogar com as experiências únicas e diversas que existem em cada pessoa dentro da universidade, de certa forma, enunciando diferentes perspectivas baseadas no enaltecimento dos cotidianos que, apesar de corriqueiros, são extremamente ricos e complexos. Nesse vídeo, se pode contemplar e ouvir diretamente de pessoas que também dão vida à esse prédio, ouvindo seus relatos, rindo com suas histórias, se emocionando com suas vivências e até não-vivências, pois quem habita esse espaço sabe dos sacrifícios que são feitos para não só conquistar e ocupar, como também subverter seus desafios, buscando os mais diversos frutos para nossos cotidianos.

A motivação do tema veio da própria vivência das criadoras, que observando o espaço que ocupavam, encontraram a vontade necessária para questionar o mesmo. Visualizando uma possível troca entre entrevistador e entrevistado, elas dividiram suas tarefas de edição, escolheram a abordagem e cada integrante teve que fazer pelo menos uma entrevista, com alunos de cursos diferentes com perspectivas diferentes sobre a realidade universitária.

Foram de grande importância os relatos das discentes acerca da produção dos vídeos e ao longo das conversas elas informaram que *“observar a diversidade de vivências na UERJ, mesmo diante das dificuldades, ampliou nossa compreensão sobre a universidade como um espaço plural e dinâmico. Além disso, o processo de trabalho em equipe fortalece nossos laços e ampliar nosso repertório pessoal e profissional.”* Sendo assim, pudemos ver como essa troca potencializa também àqueles que a produzem, buscar

o diálogo com a diversidade e pluralidade do espaço que ocupamos também é se preocupar com o mesmo de maneira crítica e emancipatória

Já o vídeo “O impacto da vida acadêmica dos universitários da UERJ.” traz uma perspectiva mais sensível sobre a vida universitária, pois podemos pensar na pluralidade e diversidade dos desafios cotidianos universitários como no vídeo anterior, porém, com um foco em como esses desafios os afetam quando postos ao limite, que infelizmente se tornou práxis desses espaços, os vídeos certamente dialogam em sintonia e complementação, mesmo que não tenha sido a intenção dos grupos. “*O seguinte vídeo aborda temas sensíveis*”, assim se inicia o próximo trabalho que iremos dialogar, e isso por si só já demonstra a delicadeza das autoras sobre como abordar o tema desenvolvido, no momento que elas se colocaram a avisar àqueles que podem estar passando por momentos difíceis, principalmente se forem atravessados pelo esforço de se manter na universidade.

Atravessamentos que se repetem no meio estudantil veem a tona, a dificuldade da locomoção na cidade, o perigo do ir e vir, o gasto da saúde mental na tentativa de alcançar a expectativa dos docentes, a falta de recurso para cuidar da mesma saúde mental e a indiferença de alguns docentes sobre a mesma situação, o esforço demasiado vindo de alunos que seguem da rede pública comparado aos que tiveram um acesso capital melhor, etc. Muitos relatos intensos e reais que prendem e sufocam os discentes, que de certa forma, foi normalizada e banalizado pela comunidade acadêmica e o senso comum da população, dificultando mais ainda a conversa sobre o assunto, já que muitas vezes quem relata essas realidades recebe críticas ou então indiferença, “ *[...] eles têm um discurso, mas que na prática quando eles lidam com algum aluno que está passando por alguma dificuldade, alguma questão psicológica, isso não é levado tão a sério. É assim que eu vejo.*” (Praticante A).

O grupo decidiu o tema também a partir de suas vivências e análise crítica sobre o espaço universitário que os cercam e pelos relatos de frustrações de outros universitários, parando discentes na concha acústica Marielle Franco e perguntando se os mesmos gostariam de participar, houveram relatos diversos que enriqueceram as gravações. O grupo resolveu separar as etapas de acordo com a facilidade de cada integrante naquilo que poderia potencializar o resultado final, enaltecendo cada habilidade técnica e lógica dos integrantes em suas diferenças, trazendo até o questionamento para o próprio curso que ocupam, “*Uma experiência única, ainda mais*

*para o curso de pedagogia. Uma coisa totalmente diferente com o que pensamos”*  
(Praticante B).

Pudemos observar como de certa forma, os temas abordados junto com as produções resultantes do mesmo acabam conversando umas entre as outras, mesmo sem uma organização prévia entre os grupos, nem intervenção da professora que os requisitou. Esse processo evidencia como as relações universitárias com o espaço acadêmica conversa entre si apesar da diversidade dos seus cotidianos, e não se engane em achar que essas complexidades passam despercebido entre os *‘praticantespensantes’* que atuam nesse espaço, pois no momento que se abre um espaço de diálogo e produção dos mesmos, o que não falta são observações críticas e trocas de experiências.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto, conclui-se que, em termo de resultados, percebemos que é de suma importância uma aprendizagem significativa com o audiovisual e o digital em rede, pois, os mesmos implicam a importância do olhar atento às singularidades e valorização de cada sentimento que emerge nesse percurso. No que se refere ao engajamento das estudantes, pudemos observar que houve um alto nível de adesão desde o início do trabalho. Elas demonstraram interesse genuíno nas temáticas abordadas, participando ativamente das discussões em sala de aula, contribuindo com ideias e mostrando disposição para aprender e aplicar novos conhecimentos na produção audiovisual.

Destacamos ainda a importância do apoio pedagógico e técnico ao longo de todo o processo. O suporte oferecido pelos integrantes do grupo de pesquisa SoCib foi fundamental. Além da orientação acadêmica, as oficinas técnicas que subsidiaram as estudantes trataram de aspectos essenciais da produção audiovisual. Esse apoio foi crucial para incentivar o protagonismo e estimular a segurança discente para realizarem seus projetos.

No que tange à utilização de tecnologias digitais em rede, observamos que a integração das redes sociais, especialmente através dos perfis do grupo de pesquisa (@grupodepesquisasocib e @pppluvelloso no Instagram), além das trocas realizadas nos grupos de WhatsApp facilitou a disseminação dos resultados dos trabalhos, promovendo uma comunicação eficaz com a comunidade acadêmica e externa. Isso não apenas aumentou a visibilidade do projeto, mas também fortaleceu a interação e o *feedback* com o público interessado.

As rodas de conversa, a organização das apresentações em sala de aula, a realização das Oficinas que culminaram na Mostra Pedagógica para apresentação dos resultados finais ao público interno e externo foi um marco importante. Ocorrido nas dependências da Faculdade de Educação da UERJ, esse evento não apenas proporcionou um espaço para as estudantes compartilharem suas produções, também incentivou o diálogo construtivo e a reflexão sobre os temas abordados.

O audiovisual, aqui entendido como parte de uma ampla teia de sociabilidades que envolveram a vida acadêmica e suas produções, tomado como dispositivo de pesquisa-intervenção com os cotidianos educacionais nos demandou afinar o olhar, utilizando todos os órgãos de sentido para perceber o que esses processos e produções podem dizer muito em nossas sociedades. E para nos apropriarmos de Didi-Huberman (2011) para pensar a relação do audiovisual com a cultura, entendemos que em meio às luzes dos projetores da sociedade do espetáculo, que a tudo buscam ofuscar, é de grande importância enxergar os lampejos dos vaga-lumes. É preciso enxergar seus gestos, suas manifestações, suas imagens intermitentes, seus intervalos de aparições, que instituem a criatividade e a criação como formas de resistência e sentido. Desse modo, consideramos estes ‘*videovagalumes*’ aqui apresentados nos trouxeram mais ânimo para seguir “esperançando”, no sentido mais freireano do termo.

## REFERÊNCIAS

ALVES, N. **Nilda Alves:** *praticantepensante* de cotidianos. Organização e introdução de Alexandra Garcia e Inês Barbosa de Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

ANDRADE, Nivea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos - após muitas conversas acerca deles. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÜSSEKIND, Maria Luiza (orgs.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente:** questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019. p. 19-46.

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: Barbosa, J. G. (coord.). **Multirreferencialidade nas ciências sociais e na educação.** São Carlos: UFScar, 1998.

BARBIER, René. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, Joaquim (coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação.** São Carlos: Editora da UFScar, 1998, p. 168-99.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** 17.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

FERRAÇO, C.E., SOARES, M.C.S., ALVES, N. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação** [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GARCIA, Regina Leite (org.). **Múltiplas linguagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: ALEPH, 2009.

MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo (Orgs.). **Um rigor outro sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciência antropológicas**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MACEDO, Roberto. Multirreferencialidade: o pensar de Jacques Ardoino em perspectiva e a problemática da formação. In: MACEDO, Roberto S.; BARBOSA, Joaquim; BORBA, Sérgio. **Jacques Ardoino & a educação** (orgs). Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p.15-38.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Novos Regimes de Visualidade e descentramentos culturais. In: FILÉ, Valter (org.). **Batuques, Fragmentações e Fluxos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 83-112.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Pesquisando com os cotidianos: uma trajetória em processo**. 1.ed. Petrópolis: Rio de Janeiro: FAPERJ, 2023.

RIBEIRO, Thiago ; SOUZA,, Rafael de ; SAMPAIO, Carmen Sanches (orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. O fim das descobertas imperiais. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de ; SGARBI, Paulo (org.). **Redes Culturais, diversidade e educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.19-36.

SOARES, Conceição. O audiovisual como dispositivo de pesquisas nos/com os cotidianos das escolas. **VISUALIDADES**, Goiânia v.14 n.1 p. 80-103, jan-jun 2016.